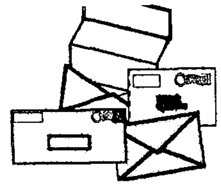
O DESBRAVADOR

ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL " SANTA MARIA "

Ave Maria, Cheia de Graça!

ANO XXIII SETEMBRO/OUTUBRO 2002 273/274

Escrevem os Leitores



"Em primeiro lugar quero pedir desculpas, porque estou em falta com vocês, já que deveria colaborar mais. Estou enviando um cheque nominal no valor de R$ .... Desculpem meu atraso."

TEREZINHA CAMPOS BRITO
SÃO PAULO - SP

"Agradeço o jornal. Unidos na Cruz e na Ressurreição!!!".

MARIA TERESA PESCADOR DE CARVALHO
CAMPANHA - MG

"Desde quando comecei a receber "O Desbravador" pouco ou nada contribuí para a sua manutenção, omissão esta que se me impunha pelo estado em que me encontrava. Não obstante, as preciosas páginas jamais deixaram de vir. Isso é somente mais uma evidência da reta intenção e da ausência de qualquer interesse menos digno por parte da vossa equipe: o que vos interessa é levar a sã doutrina a quantos for possível, para o que, sem dúvida, a Divina Providência não haverá de faltar.
Agora, graças ao Bom Deus, poderei enviar alguma contribuição. Por mais que eu desse, não conseguiria fazer jus ao tão valioso apostolado do "Desbravador", tão vivo na sua simplicidade. O certo é que será um pequeno auxílio. A verdadeira retribuição ser-vos-á dada pelo Divino Mestre, ao fim da vossa peregrinação por este Vale de Lágrimas, quando cada um de vós haverá de ouvir de Nosso Senhor – e é isso que vos desejo de todo o coração: - "Vem servo bom e fiel, entra no gozo do teu Senhor!" (Mt.25,23)
Na mesma e total consagração a Jesus, a Sabedoria Encarnada, pelas mãos e pelo Coração Imaculado de Maria, o vosso:..."

RAPHAEL GOMES PAES LEME LÔBO
ANÁPOLIS - GO

"Louvado seja Deus que me concede a satisfação de poder enviar o cheque anexo. Que belo trabalho é o que esse grêmio realiza! Que o Senhor lhes dê coragem!".

E C RODRIGUES
BAGÉ - RS

Imprimimos com
RIPAX
Premium Quality Paper Laser 75

O DESBRAVADOR
PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO "SANTA MARIA"

DIRETOR
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
PE. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATOS
JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO
PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
RONILSON VERÍSSIMO
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS SILVA

SECRETARIA
PATRICIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO MAZZI RUFINO
SHEFFERSON SANDER FERREIRA
MARIA PAULA BRANCO DE MATOS

EXPEDIÇÃO
JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO
FRANCISCO JOSÉ BRANCO DE MATOS
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
ROGÉRIO VERÍSSIMO
MANOEL RAIMUNDO S. MOURA

COMPOSIÇÃO
ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"

CORRESPONDÊNCIA
CAIXA POSTAL - 1525
01059 - 970 SÃO PAULO SP

Editorial

Ave Maria! A saudação do anjo São Gabriel a Nossa Senhora. Com ela começou a Salvação da humanidade, com ela, iniciou-se a Redenção. Com as palavras do anjo, o céu começou a se abrir.

Palavras sublimes, palavras santas que o anjo pela primeira vez proferiu e que o bom povo católico repete todos os dias para honrar a Mãe de Deus. E feliz a pessoa que todos os dias repetir a Saudação Angélica e disser uma vez, dezenas, centenas de vezes: Ave Maria. Começará a sua conversão, para ela, abrir-se-ão as portas do céu e fechar-se-ão as do inferno. Começará a sua caminhada para Deus.

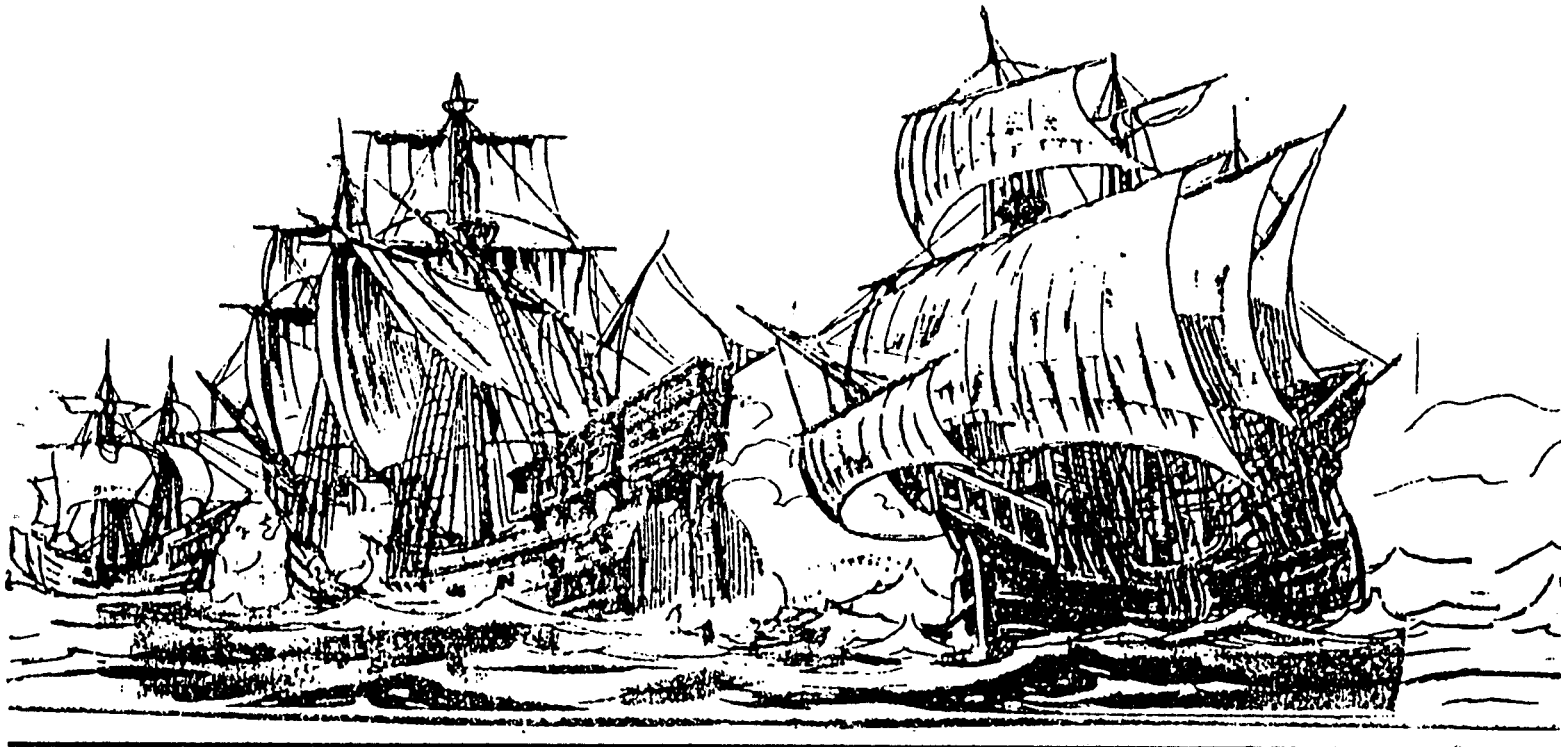
Se foi pela Ave Maria que começou a Salvação da humanidade, será por ela que começará a salvação de cada um de nós.

Aproveitemos nós esse tempo natalício e tomemos a resolução de agora em diante jamais deixarmos de rezar a Ave Maria, e de rezarmos a cada dia o Rosário seja em parte, seja na sua totalidade.

Quem tem problemas, reze a Ave Maria, quem está angustiado reze a Ave Maria, quem está aflito reze a Ave Maria, quem está desesperado reze a Ave Maria. E também quando temos algo a agradecer rezemos a Saudação Angélica.

Não se reza impunemente uma Ave Maria. Jamais Ela fica sem resposta. É uma pérola que doamos à Mãe de Deus e que Ela retribui com grande generosidade.

Imitemos o Anjo e rezemos sempre tão santa oração e contemos com a proteção de Nossa Senhora, agora e na hora de nossa morte.



... E OS DEVERES?

Nossa época, em muitos aspectos, poderia bem ser chamada a época dos direitos. Direitos humanos, direitos dos empregados, direitos das mulheres, direitos dos pobres, direitos dos animais, dos pombos, das baleias e assim sucessivamente.

Sociedades se fundam para defender verdadeiros ou pretensos direitos de toda e qualquer espécie. Cartilhas se escrevem para lembrá-los a quem possa tê-los. Fazem-se as maiores badernas em prol deles. Pessoas se especializam em conscientizar os outros a seu respeito.

Não nos cabe – especialmente no estrito limite desse artigo – discutir o mérito de todos e cada um dos denominados direitos.

Gostaríamos aqui somente questionar um ponto: e os deveres, como é que ficam?

Sim. Fala-se dos direitos das mulheres, mas ninguém cuida de lembrar que elas têm para com seus maridos o dever da fidelidade conjugal. Alardea-se a respeito dos direitos das crianças, mas omite-se de lembrar os seus deveres de obediência para com seus pais e superiores. Há toda uma literatura sobre os direitos dos empregados, porem he um medo enorme de conclamá-los a cumprir com suas obrigações.

Cremos que há nisso dois pesos e duas medidas.

Não ficamos, entretanto por aí. Acreditamos, nós, que também para os mais fortes dever-se-ia lembrar os seus deveres. Senão vejamos: quem se lembra de mostrar aos patrões as suas obrigações de justiça e de caridade para com seus empregados? Quem mostra aos pais que têm o inalienável dever de educar de maneira cristã os seus filhos?

Temos certeza que, se tal fosse feito, os resultados para os menos favorecidos seriam evidentemente melhores. Assim, para os pobres seria muito mais proveitoso que se recordasse aos ricos os deveres do que incitá-los a lutar por seus direitos (reais ou imaginários). Seria, outrossim, altamente benéfico à infância que fossem recordados os deveres de pais, de educadores, de tantos enfim, para com ela, o que produziria muitos e maiores frutos do que uma demagógica recordação dos seus direitos.

Entretanto ninguém, ou quase ninguém, age assim. Por que será isso?

De uma coisa temos certeza: que somente faremos algo para melhorar o mundo na hora em que começarmos a cumprir os nossos deveres.

O telefone interno tilintou na mesa do Padre Reitor do Colégio de Belém, em Havana: "Alô... Sim, ele mesmo. Dona Carmen?... Está bem, desço já".

Sua Reverência depôs o fone e ficou largo tempo com a mão no aparelho, enquanto uma ruga preocupada lhe vincava a fronte. Depois, levantou-se rápido dizendo, à meia voz, para si mesmo: "Vamos enfrentar a "leoa" e ainda acrescentou sorrindo: "Por Dios Y por San Tiago!".

Dona Carmen era uma das mulheres mais ricas de Havana. O marido deixara-lhe um verdadeiro império de açúcar. O belíssimo colégio Jesuíta de Belém estava cheio de donativos seus. Quase não havia corredor ou quarto, onde não se visse alguma lembrança de Dona Maria Del Carmen Gomes Rodriguez de Anzola. Cada visita sua ao Colégio era uma nova surpresa. E, com o dinheiro, vinham também belas palavras: "Se Deus nos deu dinheiro é para ajudar a quem saiba usá-lo para a Igreja. Para mim, os jesuítas são os que melhor o conseguem".

Isto dizia naqueles tempos, em que seu filho Pablito cursava o primeiro ano. No fundo, ela fazia os donativos, porque em seu orgulho de milionária queria ver o filho no colégio mais rico de Cuba. Sem o perceber, era ao próprio filho que dava aquelas avultadas esmolas. Dizia-se, em Havana, que ela se "casara" com o Colégio.

Mas a lua de mel acabou

Mas, um dia, a lua de mel acabou e Dona Carmen, já viúva do marido, divorciou-se também do colégio e nem todo o açúcar que saía de seus engenhos foi capaz de lhe adoçar de novo a alma amargada...Tudo aconteceu na tarde em que Pablito, seu filho único de doze anos, ao voltar do colégio, comunicou-lhe que desejava ser Padre. A mãe quase desmaiou. Aquela mulher que dava milhares de dólares aos homens, não era capaz de emprestar o filho a Deus. Seguiram-se dias difíceis para os padres do colégio Belém. Dona Carmen acusava-os de ter "posto vocação" na cabeça da criança e intimava-os a que o fizessem desistir da idéia. Eram inúteis todos os esforços do Pe. Reitor para fazê-la compreender que nada haviam sugerido ao seu filho e que ele nem mesmo pertencia ao grupo escolhido dos coroinhas, entre os quais é mais comum surgirem as vocações para o sacerdócio. Acabaram-se os donativos. Começou o purgatório dos Padres, de Pablito e da própria Dona Carmen. Finalmente, certa manhã, entrou no seu Cadilac azul e mandou o motorista tocar para o colégio.

O Pe.Reitor entrou no locutório da Portaria ensaiando o melhor dos seus sorrisos. Dona Carmen levantou-se nervosa e cumprimentou o sacerdote sumariamente, com a ponta das unhas longas, pintadas de pérola:

"Vou falar de pé, Padre Reitor, porque desejo ser breve... Vim apenas para dizer-lhes que meu filho já está com viagem marcada para a França, onde cursará um colégio internacional, em Paris".

"A senhora é mãe, deve saber o que faz, Dona Carmen, ou, pelo menos, deveria

saber... Pablito é ainda criança; talvez não tenha ainda vocação para o sacerdócio... A vocação é uma coisa muito séria e só uma idade mais madura é capaz de pesar-lhe as responsabilidades e discernir-lhe toda a beleza. Mas, pode ser também que Deus já o esteja chamando assim criança, como chamou o menino Samuel para ser seu Profeta... Neste caso a senhora estaria opondo-se aos planos de Deus...".

"Claro que não!" estalou a resposta. "Nós mães conhecemos nossos filhos, melhor do que qualquer padre. Eu sei muito bem quais são minhas responsabilidades diante de Deus e dos homens, Padre Reitor. Não vim aqui para receber lições de catecismo. Estou disposta a não perder meu filho, compreende?".

"Não compreendo, Dona Carmen. Não compreendo, porque o pressuposto é falso: o filho padre nunca é um filho perdido. Pelo contrário, o filho padre é o que menos se perde; primeiro porque tem a salvação eterna mais garantida, e, segundo, porque é o que tem mais espaço no coração para o amor de seus pais. O filho casado, por ter o coração mais dividido, está, às vezes, mais longe de sua mãe do que o filho sacerdote".

"Mas não vê, Padre, que tenho apenas este filho? Não, não deixo. Se, mais tarde, ele persistir, quando tiver mais idade, serei eu mesma que o levará ao seminário; agora não! Se, ao menos, os padres não estivessem tão à margem da vida".

"Nós não estamos à margem da vida, Dona Carmen. O padre está no coração mesmo do mundo, uma vez que o centro do universo e de toda a vida é Deus e a religião. Nós nos afastamos do mundo não como quem foge ou despreza os valores humanos; nós nos afastamos assim como as árvores frutíferas se distanciam do solo: apenas para poderem, mais tarde, vergar sobre ele os ramos pesados de frutos e cheios de sombras".

"Não venha com poesia, Padre. Se não me ofereceu argumentos convincentes até agora, não me ofereça palavras bonitas. O assunto é sério demais para literatura".

"É também sério demais para resoluções apressadas, Dona Carmen. A senhora sabe a que expõe seu filho, mandando-o para o colégio leigo, no estrangeiro, onde não haverá, certamente, nenhuma assistência religiosa".

"Já pensei em tudo isto, Padre, não se preocupe! Tenho parentes em Paris que zelarão pela vida religiosa de Pablito. Além disso, irei com freqüência à Europa".

E aqui se encerrou o assunto. Falaram depois de documentos, guias de transferência etc. Para isto, veio à portaria o Padre Prefeito Geral e o Reitor retirou-se, deixando Dona Carmen de pé sobre um riquíssimo tapete que ela mesma doara ao colégio. Como o Reitor preferia que ela retirasse todos os seus donativos e lhes deixasse o filho!".

Pablito esquece a linguagem de Deus

Duas semanas mais tarde, o menino embarcava em prantos para a França. Dona Carmen quase passou a viver entre Paris e Havana, o que pouco significava para sua vasta fortuna. Quando voltava da Europa, vinha cheia de elogios aos ouvidos dos padres: que estava falando corretamente francês e o inglês; era o primeiro da aula etc... Entrementes, o nome de Pablito ia, aos poucos, transformando-se em mera recordação no colégio de Belém. Passado o primeiro ano de ausência total, Dona Carmen começou novamente a mandar esmolas ao colégio, ainda que não tão vultosas como antes. O Reitor não se iludia a respeito de tais presentes: eram a linguagem disfarçada com que a milionária manifestava o remorso que já lhe atormentava o coração de mãe, eram uma tentativa de captar, com dinheiro de esmolas, a benevolência dos padres e, mais ainda, a de Deus. Negara um filho ao Criador; oferecia-lhe agora dinheiro para suas igrejas. Como a mãe que dá uma bala ao filho de cujas mãos tirou o brinquedo preferido.

Afinal, terminada a sua formação colegial e universitária, Pablito voltou definitivamente a Cuba. Voltou engenheiro, poliglota, cheio de cursos e de idéias socialistas. Dona Carmen não parava de falar do filho nos grandes círculos sociais de Havana. Parecia que o dom das línguas do

rapaz se comunicara também à mãe. Mas esquecia-se de dizer que, apesar de todas as línguas que seu filho conhecia para falar com os homens, ele não tinha nenhuma para falar com Deus. Já não rezava nem sequer na própria língua. Em matéria de religião, pablito ficara totalmente mudo! Dona Carmen pensou que isso pudesse acontecer. Percebida também, aos poucos, que o filho enveredava por caminhos e idéias que o separavam cada vez mais dela e do lar. E, no entanto, desviara-o do altar para não perdê-lo!

O primeiro susto de Dona Carmen

Um dia veio o primeiro susto sério. Pablito fôra preso ao tomar parte num movimento contra o ditador Fulgêncio Batista. Só mesmo o nome da família e o dinheiro da mãe o salvaram do fuzilamento. Dona Carmen suplicou-lhe, depois de solto, que não se metesse em política, pelo amor de Deus! Mas qual! A luta contra Batista empolgou Pablito. Até as moças passaram a segundo plano.

Foi nesta altura que apareceu em cena Fidel Castro. Certo dia, Dona Carmen leu, com mão trêmula, o bilhete que o filho lhe mandou depois de uma semana de ausência:

"Não se aflija, minha mãe... Estou em Sierra Maestra com Fidel Castro. Somos os heróis que vamos libertar a Pátria. Envio-te um milhão de beijos para reparti-los com Pepita. Teu filho, Pablito"

***

Pepita era uma de suas namoradas. Dona Carmen não repartiu beijo algum. Nem mesmo apreciou os que se destinavam a si própria. Chorou dias seguidos o filho que, outrora, não quisera perder. Amiudou suas visitas ao colégio de Belém, pedindo aos padres que rezassem por Pablito. Aumentaram as esmolas e os presentes.

Quando, um ano mais tarde, viu novamente o filho, estava sujo e barbudo, mas era um herói! Expulso Batista, ele era um dos "libertadores" da Pátria. Dona Carmen custou um pouco se conformar, mas acabou fazendo as pazes com a barba de Pablito. Afinal era a barba de um "herói". Se tivesse sido padre, pensava ela, estaria hoje nalgum canto de paróquia, ouvindo confissões de beatas. Secaram-se as lagrimas de temor e apreensão. Pensando bem até ficava mais bonito, assim envolto na rudeza daquele uniforme cáqui. Mandou dizer muitas missas de ação de graças no Colégio de Belém. O filho soube disso e repreendeu-a:

"Não agradeça a Deus, mamãe, agradeça a Fidel Castro".

A frase quase a fulminou Pablito perdera a fé nas universidades da Europa e, sobretudo, nos antros de Montmartre e de Pigalle.

Como um vento de tempestade que se vai intensificando em rajadas céleres, os acontecimentos precipitaram-se em Cuba. A revolução "libertadora" transformou-se em revolução comunista e Cuba tornou-se um reino de terror e de perseguição: a pátria do "paredon". O primeiro golpe que atingiu Dona Carmen, feriu-a num dos pontos mais sensíveis: seus engenhos de açúcar foram encampados, tornaram-se "propriedade do povo". Voltou-se, então, para o filho, certa de que ele haveria de reagir e tomar providências contra uma tal medida. Pablito ouviu-a impassível e, quando ela acabou o desabafo, acercou-se, pôs-lhe as duas mãos nos ombros e disse com o pouco carinho que ainda lhe restava:

"A senhora não pode compreender nada disso, porque tem mentalidade capitalista e burguesa. Não é culpa sua... Por que não vai para os Estados Unidos? A senhora não tem tanto dinheiro nos bancos ianques? Vá para lá. Não é vergonha que fuja uma mulher, ainda que, se fosse verdadeira patriota, daria todo o seu dinheiro para a reconstrução de Cuba... Esta é uma encruzilhada inevitável: nossos caminhos separam-se aqui...".

Quase lhe deu uma bofetada

Consumara-se o ciclo dos acontecimentos. Deus perdera um sacerdote, depois um cristão. Agora ela perdia seu filho. Não era "patriota", não ia dar seu dinheiro para "reconstrução" de Cuba nenhuma e não

ia ficar em Havana ao lado de um filho que traíra sua própria mãe. Teve ímpeto de dar-lhe uma bofetada, mas o choque a deixara tão perplexa que quase a anestesiou...

Dona Carmen ajuntou seus pertences e fugiu amargurada e revolta para Miami. Uns dois meses depois de ai chegar, ouviu dizer que os jesuítas tinham sido expulsos de Cuba e que o ex-Reitor do Colégio de Belém iria fazer uma conferência no centro católico cubano, que funcionava ao lado da igreja dos jesuítas americanos de Miami. Dona Carmen foi à conferência sem saber que ia assistir ao ato final de sua própria tragédia.

Depois de relatar os últimos acontecimentos da revolução cubana, o antigo reitor de Pablito assim resumiu a historia da expulsão dos jesuítas e fechamento do colégio:

"Num discurso furiosamente anticlerical, Fidel Castro, que fora um dia aluno do nosso colégio, referiu-se nestes termos à Companhia de Jesus: "Eu conheço este monstro, porque passe cinco anos dentro de suas entranhas"! Então uma voz se levantou do meio do povo: "Eu também! Fora com os jesuítas!". Fidel Castro perguntou quem fôra a pessoa que assim falara. Adiantou-se um moço, um dos seus barbudos de Sierra Maestra. Castro fê-lo aproximar-se; abraçou-o, confraternizando-se com ele no ódio aos seus antigos mestres. Disse-lhe qualquer coisa que só o moço ouviu e gostou. Ambos sorriram e apertaram-se as mãos.

No dia seguinte, às oito horas da manhã, um grupo de milicianos armados entrava pelos corredores do colégio. Reuniram todos os padres na sala principal da portaria. Com palavras grosseiras, tão comuns a Fidel e aos seus sequazes, aquele mesmo moço da véspera intimou-os a deixar o colégio e o pais dentro de três dias. Eram ordens de Fidel, dizia, e ele se orgulhava de ter sido escolhido para executá-las!

Este moço, ao dar-nos aquelas ordens, estava de pé sobre um magnífico tapete oriental com que sua própria mãe ornara a nossa sala de visitas. Quinze anos antes, de pé sobre este mesmo tapete sua mãe me havia comunicado a intenção de retirar o filho do colégio a fim de impedi-lo de tornar-se padre..."

No silencio profundo do salão, todos ouviram o baque de um corpo... Houve a correria própria de tais situações. Não fora nada de grave: apenas uma pobre mulher que desmaiara. Alguém saiu à procura de água. Uma senhora, não tendo outra coisa, chegou ao nariz da desmaiada um vidrinho de água de colônia que trazia na própria bolsa.

Quando o padre conferencista, abrindo caminho por entre as pessoas, conseguiu chegar até ela. Dona Carmen já tinha voltado a si.

"Se eu soubesse que a senhora estava presente, disse o sacerdote, não teria contado esta historia. Perdoe-me."

"Fez bem em contá-la, padre, e não me peça perdão, porque sou eu quem deve ser perdoada por Deus e pelos jesuítas."

"Não falemos mais nisso, Dona Carmen. Vamos carregar juntos esta cruz que é pesada para todos nós."

PUREZA E MARTÍRIO

Um fato Narrado por Santo Ambrósio

Não há muito tempo, viveu em Antioquia, uma virgem que atraía todos os olhares, não obstante o esforço em ocultar-se. O amor e a curiosidade dos homens faziam ainda mais desejada a beleza de que ouviam falar. Não podendo contemplá-la, crescia neles o desejo de possuí-la, por não lhes descobrirem defeitos e por imaginá-la superior ao que dela diziam. A santa virgem, para que não alimentassem, por mais tempo, tais esperanças, fez voto de virgindade e, deste modo, não só apagou o amor de seus pretendentes, como o transformou em ódio.

Tímida embora, para não sucumbir às ciladas contra a pureza – pois já não conseguia fugir – enfrenta a morte com coragem, animada pela fé e pelo amor à castidade. Chega o dia da coroação. Grande e geral expectativa. Apresenta-se a donzela para travar o duplo combate: pela castidade e pela religião. Frente à firmeza de suas declarações, ao temor religioso de perder a pureza, à prontidão para o sacrifício, ao pudor por se saber alvo de olhares, conceberam o nefando plano de arrebatar-lhe a Fé, certos de poder, em seguida, despojá-la do bem que lhe restava. Oferecem à donzela a alternativa de sacrificar aos ídolos ou ser exposta em lugar infame.

A tal proposta, a virgem, não por duvidar de sua Fé, mas por recear de sua castidade, entrou a deliberar consigo: "Que fazer? Hoje serei mártir ou permanecerei virgem. Pretendem roubar-me uma e outra". Mas, a virgem não merece este honroso nome, quando nega o Ator da virgindade.

Fechai os ouvidos, donzelas. A virgem consagrada a Deus é conduzida ao lugar da infâmia. Abri-os, agora, porém, virgens, que a virgem de Cristo pode ser exposta, nunca, porém, maculada. Onde quer que esteja a virgem de Deus, aí é templo da Divindade. O ambiente impuro não lhe atinge a castidade, antes é santificado por sua presença.

À porta do prostíbulo, reúne-se grande número de libertinos. Esqueçam, ó virgens consagradas, nomes tão torpes e atentai aos milagres operados em favor dos mártires. Dentro, fecham a pomba, fora, grasnam os abutres, disputando, quem primeiro investirá contra a presa. A virgem, entretanto, mãos alçadas aos céus, como se estivera num templo sagrado, orava: "Cristo, que em presença de Daniel, domastes o furor dos leões, podeis também refrear a ferocidade dos homens. Pela vossa misericórdia, o fogo transformou-se em orvalho para os mancebos na fornalha da Babilônia. As ondas do mar suspenderam-se, em muro, à passagem dos judeus: Susana, prestes a ser executada, alcançou a vitória sobre seus caluniadores. Secou a mão ao que violava os dons do templo. Periga o vosso próprio

templo! Vós, que vos opusestes ao furto, não permitais a profanação por nefando sacrilégio. Glorificai, ainda uma vez, o Vosso Nome, conservando virgem aquela que desejam perder".

Mal concluira a oração, eis que aparece, subitamente, um soldado de aspecto ameaçador. A esta visão, receosa a multidão se retira, dando-lhe passagem. Tremeu a casta donzela, mas não esqüeceu a passagem da Escritura: "Daniel – diz ela consigo -, correndo ao lugar do suplício, absolveu Suzana, condenada por todo o povo. Sob a aparência de lobo, se pode bem ocultar um cordeiro. Cristo que possui tantas legiões de anjos, conta também com soldados na terra. Mas não será o algoz que está chegando? Não temas, minha alma, só Ele pode fazer mártires": Ó virgem, tua Fé te salvou!

O soldado dirigi-lhe a palavra: "Não receies, minha irmã. Como irmão vim, a este lugar, para salvar-te a alma e não para perdê-la Permite que eu fique junto a ti, em defesa de tua virgindade. Entrei como se fora libertino e, se o consentires, sairei daqui como mártir. Troquemos as vestes: convém a ti as minhas e a mim as tuas, e ambas a Cristo. Com as tuas, serei verdadeiro soldado, graças às minhas, conservarás a virgindade. Passarás, com tal disfarce, despercebida, enquanto eu, despojado da farda, serei perseguido. Toma o vestuário que ocultará o teu sexo e entrega-me as tuas vestes que me consagrarão mártir. Encobre os membros virginais com o manto militar – defesa de tua castidade -, dissimula sob o capacete os cabelos e o rosto. Costumam envergonhar-se os que freqüentam lugar infame. Uma vez fora, não voltes a cabeça para trás, lembra da mulher de Lot que se transformou em estátua de sal, só porque lançou um olhar, embora casto, sobre as cidades impudicas.

Não receies faltar ao sacrifício, oferecer-me-ei a Deus como vítima, em teu lugar, e tu serás soldado de Cristo, em meu lugar. Exerces a gloriosa milícia da castidade que peleja para alcançar recompensas eternas. Tens a couraça da justiça que protege o corpo como defesa

espiritual. O escudo da Fé que não deforma. O capacete da salvação. Onde estiver Cristo, ali está a garantia da nossa salvação. O homem é a cabeça da mulher, Cristo é a da virgem".

Enquanto proferia estas palavras, envolveu-a no manto, dando-lhe o aspecto sinistro de libertino e perseguidor. Ó espetáculo admirável: num lugar infame, disputando a palma do martírio! Acompanha o soldado e a virgem, diferentes no sexo, mas semelhantes por misericórdia divina.

Com asas espirituais a donzela escapa do laço, disfarçada e – coisa estupenda – liberta-se do lupanar, virgem e consagrada a Cristo.

Os circunstantes que olhavam e não viam uivavam como leões diante da ovelha, como lobos diante da presa. Um deles, mais impudente, atreve-se a entrar e, ao descobrir o ocorrido, exclama: "Ó prodígio! Vimos entrar uma jovem e eis que se nos depara um homem. Não é lenda aquilo que se conta: que uma donzela foi substituída por uma corça, pois a

realidade está mostrando uma virgem substituída por um soldado. E, no entanto, eu ouvira dizer que Cristo convertera água em vinho, e não acreditava. Ei-lo agora, a mudar também os sexos. Fujamos daqui, enquanto somos o que éramos. Estarei mudado? Deverei dar crédito ao que vejo? Vim a uma casa suspeita e se me depara um fiador. Saio, porém, mudado, pois, onde entrei adúltero, daí sairei casto".

Descoberto o fato -- porque era justo fosse coroado tão generoso campeão -- o soldado foi condenado em lugar da virgem. É assim que vemos sair do lupanar não só virgem, mas também mártires. Conta-se que a donzela compareceu ao local do suplício e disputou com o sentenciado a honra de morrer, quando, então, ele replicou: "fui condenado à morte e a sentença que me atingiu te absolveu". Ela, porém, começou a protestar: "não te escolhi fiador da minha morte, mas te aceitei como garantia da minha castidade. Quando porém, se reclama efusão de sangue, não desejo fiador. Tenho com que pagar. Atinge-me esta sentença proferida por minha causa. Certamente, se eu te houvesse constituído fiador de minha fortuna e, na ausência, o juiz entregasse os teus bens ao credor, recorrias a mim para libertar-te com meu patrimônio. Se a isso me recusasse, quem não me julgaria digna da mais ignominiosa morte? Quanto mais importante é esse assunto! Morrerei inocente para não morrer culpada. Não existe meio termo: ou serei, hoje, ré de teu sangue, ou mártir do meu. Se vim depressa, quem ousará me impedir? Se demorei, quem ousará absolver-me?

Devo mais à justiça porque não apenas ré da própria fuga, mas também da morte alheia. Sejam entregues à morte os membros que não acolheram a desonra. A virgem está pronta para ser ferida, nunca, porém, para ser ultrajada. Fugi da desonra, não do martírio. Cedi minha veste, mas não reneguei minha profissão. Se me privas da morte, não me resgataste, mas me iludiste. Não discutas, nem me contradigas, não me prives do benefício que me alcançaste. Negando esta sentença, tu me entregas à condenação precedente. Trocas apenas uma sentença por outra. Se a segunda não me atinge, a primeira me condena. Podemos ambos cumprir a mesma sentença, se consentires que eu seja executada em primeiro lugar. Não te podem infligir outro castigo, a não ser a morte, enquanto que numa virgem a castidade se acha exposta ao perigo. Maior será tua glória, consentindo que eu seja mártir, do que me deixando, novamente, sujeita a ultrajes".

✝

Que outro desenlace se poderia esperar? A contenda terminou com a vitória de ambos: não se lhes dividiu a coroa, antes se lha aumentou. Eis como estes santos mártires se beneficiaram mutuamente: ela deu causa ao martírio, ele o consumou.

MÃE QUE CURA, MÃE QUE SALVA

Aparições de Lourdes – gravura da época

Um dos protagonistas do milagre que vamos narrar é o eminente médico-cirurgião francês, e grande pesquisador no campo da biologia, Aléxis Carrel. Ele foi laureado com o prêmio Nobel de 1913. Ele era um homem sem Fé.

Herdara de sua família a Fé Católica, mas os estudos feitos em ambiente positivista lhe haviam feito tornar-se um agnóstico. Somente aceitava o experimental como certo.

Mas, apesar disso, Carrel é um homem reto e que não quer trair a Verdade. Ele ouve falar dos milagres de Lourdes e diz: "A cura repentina de uma moléstia orgânica, a reconstituição de uma perna quebrada, a cura instantânea de uma luxação congênita, o desaparecimento de um câncer, se tudo isso fosse constatado... levaria a aceitar a interferência de um Poder Sobrenatural".

É com esta disposição de reverência à Verdade, que Carrel parte de Lyon – onde visava uma cadeira na Faculdade de Medicina – substituindo um médico que, na última hora se vê impedido de acompanhar uma peregrinação lionesa a Lourdes, prestando seus serviços clínicos aos doentes. Vai em lugar do colega, curioso por verificar, nessa oportunidade que se lhe oferece risonha, o que há de sério em tudo o que se propala da famosa cidade das aparições de Nossa Senhora.

Sob sua responsabilidade viajam trezentos enfermos, entre os quais está Maria Bailly, jovem de vinte e dois anos, que precisou, logo na partida do trem, do seu socorro. Seu estado é grave.

Em Lourdes, a padecente é internada no hospital de Nossa Senhora das Dores, sala da Imaculada Conceição, reservada aos enfermos de maior gravidade. Por causa de uma piora, acode-a o Dr.Carrel que, depois de examiná-la demoradamente, diagnostica: "É uma peritonite tuberculosa no seu último período... pode viver alguns dias ainda, mas está perdida".

Trava-se então ligeiro diálogo entre a enfermeira e Carrel em que transparece o estado crítico da paciente.

A enfermeira pergunta:

"Dr. podemos levá-la às piscinas? Ela disse-me que fazia questão de ser banhada, pois para isto é que tinha vindo".

Antes de responder Carrel pede a opinião de um colega de Bordéus.

"É a agonia. Ela pode morrer no caminho".

Insiste a enfermeira:

"Essa jovem não tem mais nada a perder. Seria cruel recusar-lhe a suprema felicidade de ser conduzida à Gruta".

"Pois bem, afirma Carrel, vou acompanhá-la".

E voltando-se para os colegas presentes:

"Vamos tentar o impossível prodígio: a ressurreição de uma morta. O dilema é formal: a morte ou o milagre. Se essa curar-se, creio no milagre".

Tamanha é a certeza que tem Carrel da morte iminente de sua cliente e de que por conseguinte, força nenhuma é capaz de salvá-la!

Mas quando a desenganada entra na piscina, a compaixão de Carrel, sentado defronte da piscina das mulheres, é tanta que,

sem embargo, arranca do fundo de sua alma esta prece emocionante:

"Ó Virgem Maria, se não és um mito criado pelos nossos cérebros, curai essa jovem que, realmente sofreu demais, e fazei que, reencontrando-a viva na saída da piscina, eu possa crer".

Imergir a moribunda na água não é possível às enfermeiras que por esta razão contentam-se em aplicar-lhe algumas loções que provocam dores atrozes. Da piscina levam-na para a Gruta. Carrel diz às enfermeiras:

"Se precisarem de mim, estarei lá".

De fato, mais alguns instantes e Carrel chega à Gruta onde estava seu colega de Bórdeus. Depois de fitar demoradamente aquela que ambos julgavam agonizante, Carrel fala para o colega:

"Veja nossa doente, não lhe parece que está melhorando?"

"Quase nada... se é que não está morta".

"Todavia", observa Carrel, "as pulsações baixaram e a respiração também".

"Sem dúvida, é o fim" – observa o médico de Bórdeus.

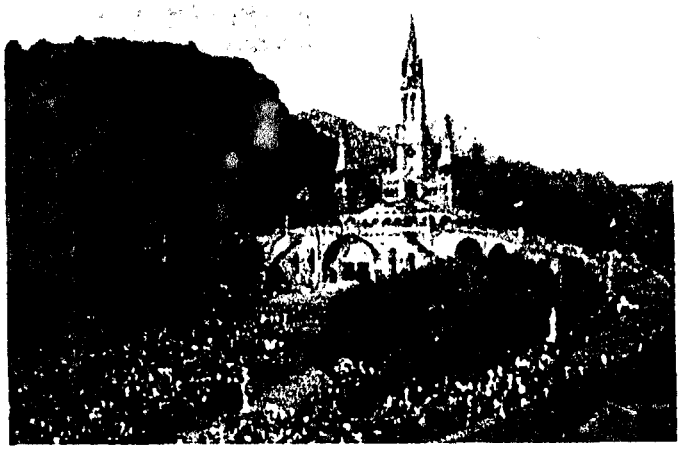
Carrel, porém, não sai de perto da infeliz. Fica observando-a sem saber se sairá dali com vida. Mas, poucos momentos depois, surgem transformações físicas surpreendentes: o ventre abaulado baixa, indício de desaparecimento de tumefação, o coração retoma a regularidade de seu ritmo, as orelhas, as mãos e o nariz apresentam sinais de calor. Não é a vida que torna contra todas as desesperanças? Num dado momento, Carrel interroga a cliente:

"Como se sente?"

"Muito bem. Não muito forte ainda..." e suspirando de felicidade: "sinto que estou curada".

Carrel assistira ao milagre. Corre ao Gabinete médico para contar o fato ao Dr.Boissarie. Este ao ouvir sua narrativa lhe diz que, em Lourdes, todos os cânceres, as tuberculoses, os tumores desaparecem. E que a "peritonite tuberculosa" não será a primeira.

Fica combinado que no dia seguinte a moça será examinada. Indo ao hospital, à noitinha do mesmo dia, Carrel submete-a a meticuloso exame e cosntata que não havia nenhum vestígio do mal que a acometera.



Santuário de Lourdes

Carrel se emociona. Tem a impressão de ter recebido uma pancada na cabeça. Treme. Passam outros médicos por ali e ele diz que ela parece curada e pede que eles a examinem.

Durante o exame ele reflete: "é certo que o seu estado geral era extremamente grave. Ela está curada. É o milagre... O grande milagre... Se verdadeiramente é um milagre, impossível não admitir o Poder Sobrenatural".

Acabado o exame de seus colegas, Carrel pergunta-lhes se eles haviam achado alguma coisa. E eles respondem que não haviam achado absolutamente nada. Que ela estava curada.

"É uma cura que não se pode explicar por meios naturais", pondera um dos médicos.

"É um grande milagre", reforça um médico italiano aparecido em pleno exame.

Daí em diante, Aléxis Carrel não será mais o mesmo; acredita em Deus. Acredita na Santíssima Virgem, e também acredita no Sobrenatural. Para ele, a Virgem deixou de ser um mito criado pela credulidade popular. Quando perguntam a ele qual a causa do milagre, ele responde sem pestanejar que é a Virgem Maria que age diretamente, por um fenômeno sobrenatural. E ele vê a ação dEla também na obra de Lourdes, ele vê que Ela age ao ser invocado o Seu Maternal Auxílio.

Quando ele volta para a Faculdade de Lyon, começam a perguntar-lhe acerca da moça.

"Que é feito de sua jovem enferma?".

"Está curada".

"Curada??? Como???"

"Subitamente. Completamente curada. Acabo de constatá-lo".

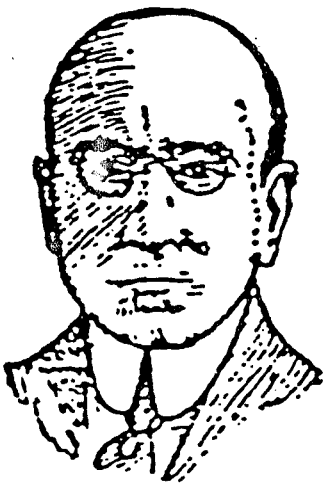
"Que aconteceu?".

"Lourdes".

E diante dos risos que os médicos incrédulos davam, ele diz que quando se haviam esgotado todos os recursos humanos, buscou-se o auxílio de Nossa Senhora. Não lhe deixam terminar e dizem a ele que com suas novas idéias não haveria lugar para ele na Faculdade.

Que resta a Carrel? Ele vai para os Estados Unidos e adquire notoriedade mundial com suas pesquisas sobre sutura dos vasos sanguíneos, ganhando o Prêmio Nobel de medicina de 1913.

Ao morrer em novembro de 1944, reconfortado pelos Sacramentos da Igreja, ele exclama: "É na hora da morte que se sente o nada de todas as coisas. Conquistei a fama. No mundo, falam de mim e de minhas obras. Mas diante de Deus, não passo de uma criancinha, de uma pobre criança".



Alexis Carrel

FAMOSO MÉDICO, CIRURGIÃO E BIÓLOGO FRANCÊS, GANHADOR DO PRÊMIO NOBEL DE MEDICINA DE 1913, QUE SE CONVERTEU AO CATOLICISMO AO PRESENCIAR EM LOURDES O MILAGRE QUE ORA NARRAMOS

COLABORE COM O DESBRAVADOR

- Atravessamos dias difíceis. É sabido que ocorrem dificuldades financeiras em nosso país.
- Quanto a nós, os gastos cresceram de forma assustadora. Só para dar um exemplo, a tarifa de correio aumentou-nos consideravelmente.
- Não queremos e não podemos mudar o que nos propusemos desde o nosso primeiro número, qual seja, "O Desbravador" deve ser gratuito e, com auxílio de Nossa Senhora, continuará a sê-lo.
- Mas, mais uma vez pedimos sua colaboração. Qualquer quantia é preciosa. Basta você ir aos bancos mencionados, em qualquer agência deles, e fazer o depósito nas contas que seguem.

BANCO ITAÚ

CONTA CORRENTE 00433 - 0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP

BRADESCO

CONTA CORRENTE 24019 - 2 (agência 278-0 - Gasômetro) São Paulo - SP

Em nome de GRÊMIO SANTA MARIA

QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE

"É INDIGNO O CRISTÃO DO NOME QUE LEVA, SE NÃO TEM O AFÃ DE IMITAR, FIELMENTE, A JESUS CRISTO" (*São Cipriano*)

Gravura francesa do século XIX: a morte sem o caráter de horror dos dias de hoje

E na hora de nossa morte...

Na ânsia de gozar a vida, muitas pessoas levam uma existência extremamente agitada. Procuram desfrutar cada segundo, aproveitar cada momento, terem, enfim, uma vida regalada.

Pensam em tudo que a isso leve: dinheiro, carros, motos, roupas, jóias, enfeites etc. São tão fiéis nesse mister que se poderia falar que praticam um culto: o "culto de gozar a vida".

Nada mais vale para essas pessoas – que hoje são tantas – a não ser "curtir" a vida, como se a vida fosse um limão que vai sendo espremido para dar satisfação a quem toma o suco.

Entretanto, como vão se desiludindo essas pessoas! Seja pelo fato de não satisfazerem suas péssimas aspirações, seja porque as coisas da terra não realizam o homem, seja porque um dia a "curtição" acaba, seja por causa da idade, a frustração e o vazio vão chegando.

E, essa frustração e esse vazio vão ficando mais patentes na medida em que se aproxima o momento final desta vida. Na velhice já não cabem sonhos mundanos, já não há lugar para "curtir" a vida e só fica restando a espera da morte. Morte essa para qual a maioria dos homens não se prepara.

Sim, como vai pensar na morte quem só quer aproveitar essa vida? E, no entanto, este momento supremo é o mais importante de nossa vida, pois nele se decide o destino eterno da pessoa. A morte com pecados mortais (ainda que com um só) leva ao inferno; a morte na amizade com Deus leva ao Céu.

E, na grande maioria dos casos, a morte é conforme a vida: vida correta, morte boa; vida má, morte ruim.

Sendo assim, é loucura extrema não pensar na morte, não se preparar para ela, ou viver de maneira pecaminosa. Um dia essa loucura será cobrada e então o preço a ser pago será a eterna condenação.

Para que isso não ocorra, vivamos desde já de forma a nada temer no último instante. Rezemos a Nossa Senhora para que Ela nos faça ver como devemos sempre pensar numa boa morte. Peçamos, pois, a Ela que nos dê uma santa vida. Rezemos para que Ela nos ampare, agora, e na hora de nossa morte.

QUE CRISE É ESSA?

De tanto ouvirmos falar em situação econômica ruim, de tanto se comentar o assunto crise, a maior parte das pessoas aprendeu a conversar, a pensar como se vivêssemos numa situação desesperadora em que a fome e a miséria são realidades incontestáveis. Será que é essa realmente a situação?

Vamos examinar alguns fatos que demonstram exatamente o contrário.

Nos chamados feriadões (fins de semana prolongados) e mesmo nos fins de semana comuns não se encontra nas grandes cidades uma passagem de ônibus, de trem ou avião para as estâncias balneárias ou marítimas e, por outro lado, as estradas ficam empanturradas de carros que se dirigem a esses locais. Que crise é esta?

Seis horas da tarde. Seja num grande bar do Rio de Janeiro ou São Paulo, seja num botequim de uma pequena cidade do interior, vêem-se mesas repletas de garrafas de cervèja vazias. Que crise é esta?

Além de seu teor francamente imoral, as modas se caracterizam atualmente pela mudança continua. Hoje, usam-se cores fracas, amanhã fortes; agora, sapato alto, amanhã, sapato baixo. Pois bem, nunca como hoje as moças seguiram com tanto rigor as modas. Jovens de todas as classes fazem questão de estar na crista da onda com qualquer moda. Que crise é esta?

O vídeo-cassetes, os aparelhos de som são objetos que podem ser usados quer para coisas ótimas, quer para péssimas.

O vídeo-clubes, as lojas de disco na sua grande maioria divulgam – e cobram caro – filmes e músicas péssimas. Pois bem, tais estabelecimentos vivem lotados e sempre faturando alto. Convenhamos que fitas de vídeo e discos não são gêneros de primeira necessidade, logo perguntamos: que crise é esta?

Chega a ser impressionante a fortuna que as chamadas "escolas de samba" e seus participantes gastam para o carnaval: instrumentos caros, trajes exóticos, carros e luzes. Que crise é esta?

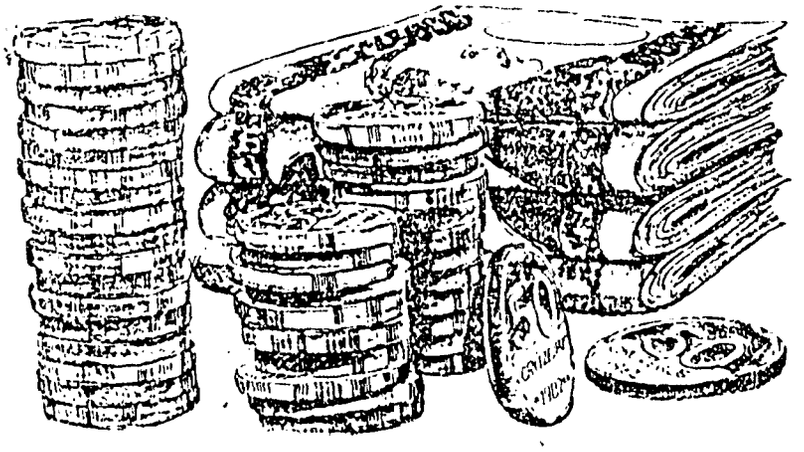
Poderíamos alongar os exemplos até enjoar. Mas o que dissemos basta, tal é a sua evidência, para demonstrar que a chamada crise tem aspectos que vão além da economia. Sua raiz é moral e principalmente religiosa.

Para gozar a vida e para pecar as pessoas arrumam dinheiro, e muitos vivem a se queixar porque não têm tanto quanto desejariam para "curtir" a vida. Daí revoltam-se e espalham revoltas.

Se no lugar de pensar em gozar a vida ou em luxos desnecessários os homens pensassem em Deus, a crise para eles sumiria. Disso temos certeza.

A solução para qualquer crise é seguir o que Nosso Senhor disse:

"Buscai, pois, em primeiro lugar, o Reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão dadas de acréscimo" (São Mateus, VI, 33)



"SABEI QUE O VERDADEIRO PARAÍSO TERRESTRE CONSISTE EM PADECER ALGO POR JESUS CRISTO (*São Luis M. Grignon de Montfort*)